

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 187	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	1 DE MARÇO 1884	LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42 Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$300	—\$—	—\$—		
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—\$—	—\$—		

CHRONICA OCCIDENTAL

Acabou-se o entrudo.

O mesmo de todos os annos : a mesma semsaboria nas ruas, nos bailes e nos jornaes.

Eu não sei se o carnaval de Lisboa era d'antes muito mais divertido, mas creio piamente que não : o que era, era mais brutal. Não havia mais espirito do que hoje, estou bem certo, havia mais cabeças quebradas, mais olhos vasados.

E parece que isso divertia immenso os nossos avós, e que no fim de contas, o carnaval sem brutalidades não presta para nada, do que se tira a conclusão de que, quanto mais elle presta peor é.

A moda acabou com os ovos de gemma, que pintavam de amarello as frontarias dos predios, faziam em estilhaços os espelhos das salas, e raptavam nos tres dias de carnaval, uma quantidade enorme de meninas . . . dos olhos.

A moda acabou com os cacos velhos, que as familias economicas e divertidas capitalisavam durante o anno inteiro, para n'esses tres dias de folgança despejarem nas cabeças das pessoas mais queridas das suas relações.

A moda acabou com os pés de sapatos com que no tempo das mascaras se mascaravam as visitas, acabou com os diversos engredientes mais ou menos limpos — sempre menos — com que se fomentavam as argolas das portas, os corremãos das escadas; acabou com as laranjas de areia, que amachuavam os queixos dos transeuntes, e com as luvas que amachuavam os chapéos, acabou com tudo isso, e acabando, acabou com o carnaval, o que prova que tirar-lhe essas brutalidades todas, é o mesmo que tirar a agua ao peixe, ou o sol ás flores.

A industria actual inventou as *bisnagas* para substituir todas essas brincadeiras de entrudo, fallecidas, e compensou largamente a diminuição de brutalidade pelo augmento de preço.

Effectivamente, dados os brinquedos actuaes, o entrudo sae carissimo para quem brinca — uma bisnaga das maiores molha pouco, diverte menos ainda e custa por ahí os seus cinco tostões.

Façam por aqui um pequeno orçamento de uma noite de folgança carnavalesca, e terão a explicação do motivo porque o numero dos que brincam o



A INSTRUÇÃO — ESCULPTURA DE ALBERTO NUNES, EXECUTADA PARA O HOSPICIO PORTUGUEZ DE CARIDADE, NO RIO DE JANEIRO

entrudo, diminuiu sensivelmente, n'estes ultimos annos.

Depois a policia concorreu muito para o assassinato do carnaval. Empenhou-se em dar cabo d'elle, com um ardor que nós lhe louvamos, lamentando apenas, que não empregue egual energia em dar cabo dos gatunos.

Quem fôr apanhado a atirar pós, ou ovos, na rua, é levado para o calabouço do governo civil, de onde não poderá sahir senão passado o carnaval, o que quer dizer, que corre muito menos risco em Lisboa quem rouba um relógio ou dá uma facada, do que quem empôa um sujeito, ou faz uma gemmada no tecto de uma carruagem.

Ora assim, tendo a capellista a tirar-lhe rios de dinheiro, por pequenas gottas de agua de mau cheiro, e do outro, o escrivão da Boa Hora a exigir-lhe oceanos de tostões, por ter usado d'essas bisnagas, e em frente os calabouços do governo civil a estender-lhe os braços enxovalhados, o cidadão portuguez, que ordinariamente é, por indole prudente e por necessidade pelintra, não brinca o entrudo, e para se dar *contenance*, acha o carnaval insipido, e faz phrases sobre o seu obito.

Isto emquanto a divertimentoos da rua : emquanto a bailes publicos, a causa da sua decadencia é outra. É de facil comprehensão que o pôr um *loup* na cara, e o vestir um dominó, não dá espirito a quem não o tem.

Ora aquelles que o tem são raros, apontam-se a dedo, e não são os frequentadores ordinarios dos bailes de mascaras.

E mesmo porque tem espirito, é que lá não vão, e se vão não se mascaram.

Resta, portanto, a grande turba dos semsaborões, para encher os bailes e fornecer as mascaradas.

E como se ha dictado certo, é o de «cada um dá o que tem» os mascaras, os bailes dão semsaboria, e não são a mais obrigados.

E isto é assim, e em toda a parte, mas causa estranheza sempre, e dá que falar, origina lamentações sentidas, e gera estensos artigos ironicos, pela simples razão de que, quem vae a um baile de mascaras, espera encontrar o original do retrato, que viu em algum capitulo de romance ou em algum acto de comedia.

E d'ahi, como o auctor da mais reles peça, ou do mais chôcho romance, tem sempre

O MOSTEIRO DE AROUCA

(Continuado do n.º 186)

IV

O MOSTEIRO

Entremos agora na igreja pela sua unica porta (uma porta lateral): veremos á nossa esquerda a capella-mór e á direita o côro das freiras. A primeira impressão, que em nós desperta o seu interior, é a do acanhamento, quando comparada com a vastidão da fabrica a que pertence, e sobretudo com o sumptuoso côro que a prolonga para oeste. É na verdade acanhada e mesquinha; e construída no gosto italiano, abundante de pilastras doricadas, de alinhadas cornijas, de nichos e de remates semicirculares, prova de que, não obstante haver o antigo templo do mosteiro escapado á devastação do incendio de 1725, foi elle tambem reconstruido por amor da harmonia no estylo do resto das edificações. Apresenta dois altares por banda, afóra o altarmór. Em todos elles, sobretudo na elevada tribuna do ultimo, ha para admirar-se muito bôa obra de talha dourada, d'aquella que se recomenda prompto á vista, ao mesmo tempo pela sua phantasiosa copia de ornatos, que não chega a ser excessiva, e pelo bem acabado nos minimos detalhes do contorno; e cujas cabeças de anjos, rechonchudos e hilariantes, e cujas graciosas aves adejando, e cujos cachos pendendo dos fustes retorcidos n'uma



DR. MANUEL AUGUSTO DE SOUSA PIRES DE LIMA
FALLECIDO A 11 DE FEVEREIRO DE 1884 (Segundo uma photographia de J. M. Santos)

apoplexia luxuriante de seiva a transbordar, parece como que avolumarem-se, desprenderem-se do lenho em que fôram talhados, e caminharem para bem junto dos olhos do observador, a fazer-lhe conhecer, admirar, sentir em toda a plenitude o esmero irreprehensivel da sua execução.

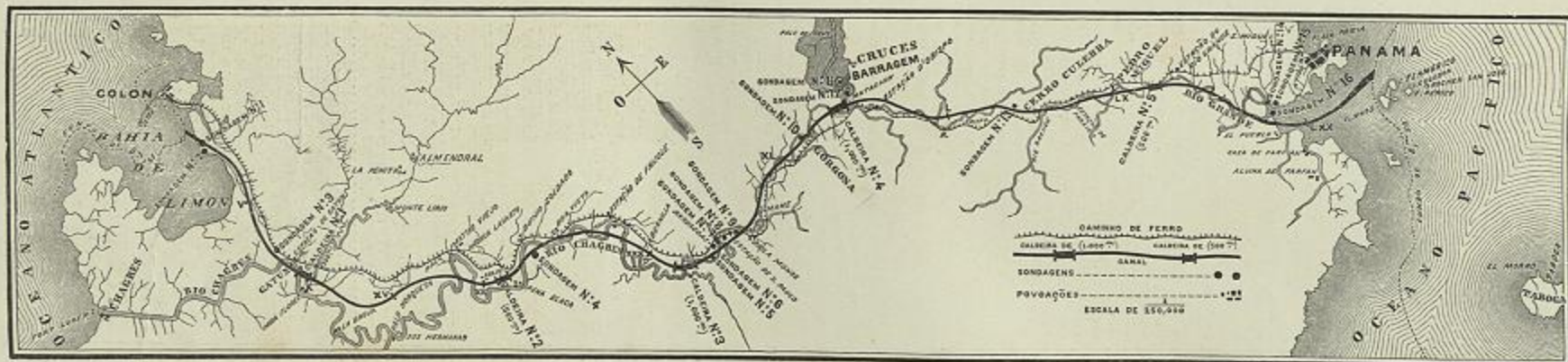
Sobre o primeiro altar do lado da Epistola repousa o esqueleto natural, vestido de cera, da santa rainha Mafalda, encerrado n'um magnifico tumulo de pau santo, recamado de delicadissimos ornatos de prata e cobre dourado e encimado pela corôa real: é o custoso e elegante sarcophago, adquirido pelo mosteiro em 1792, por occasião da canonisação da infanta. Na base do mesmo altar guarda-se cautellosamente o antigo sepulchro da santa, simples caixa de granito sem o minimo lavor, e apenas com tenuissimos vestigios de pintura a azul e ouro de uma legenda, flanqueada por dois escudos heraldicos, talvez reaes. Supponho ser este o monumento de pedra branca, para onde em 1617 foi transferido o corpo da rainha. A tampa já não existe e a caixa está grandemente estilhaçada pela piedosa credence dos fieis romeiros, que, do tempo em que elle se achava patente, nunca deixavam de levar comsigo, — milagroso amuleto, — um pedaço do profanado tumulo.

É tempo de fallar do riquissimo côro do mosteiro, amplo, magestoso e profundo, sem duvida no seu genero o melhor de Portugal. Corre-lhe ao alto um largo entablamento de granito, d'onde pendem uns tantos quadros de pouco merito e so-

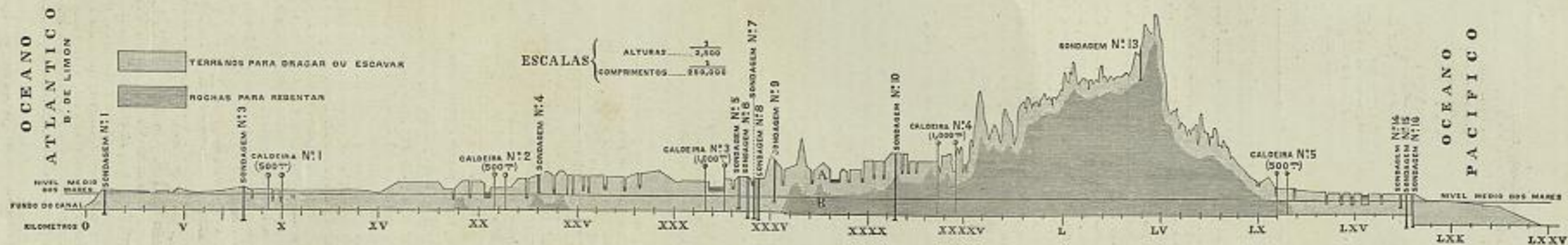


PALACIO DA EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES, EM ROMA

CANAL DO ISTHMO DE PANAMÁ



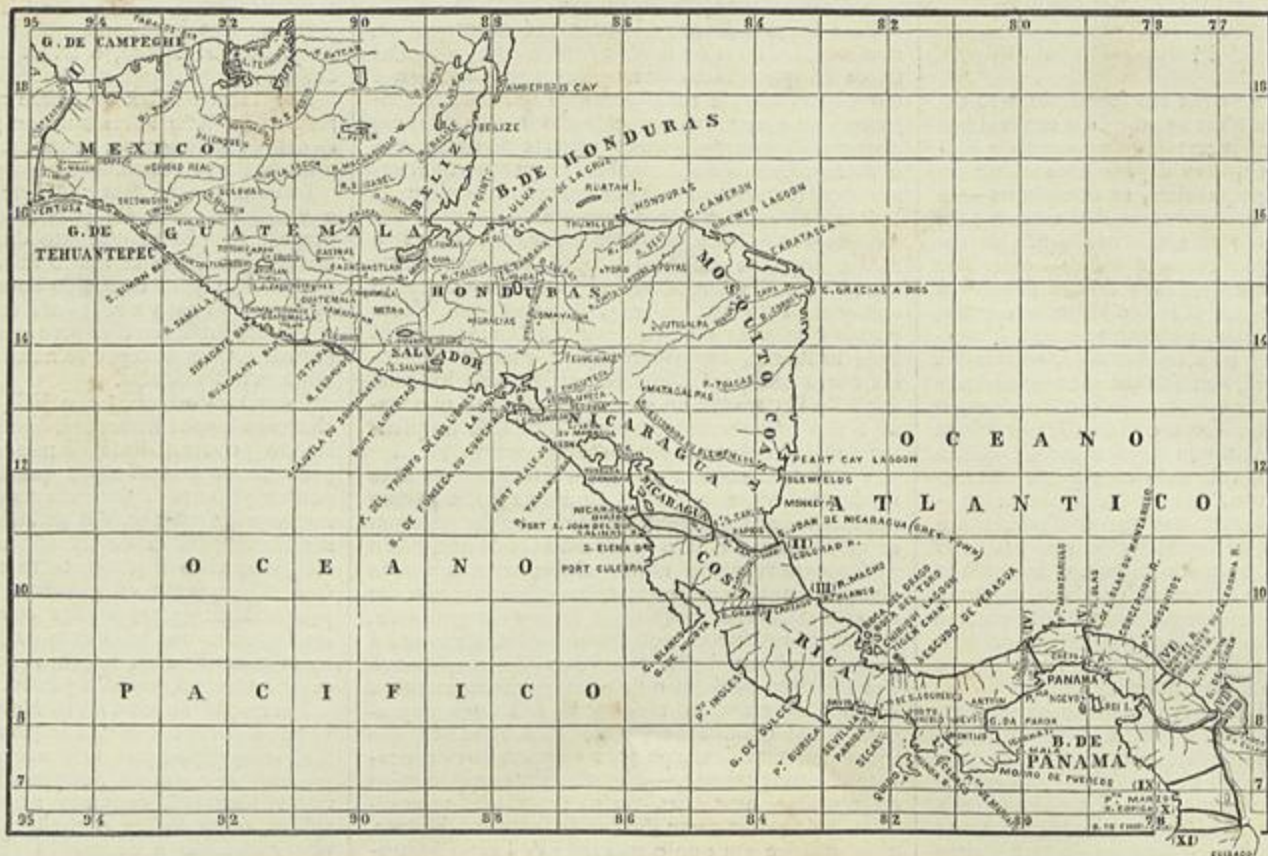
PLANTA DO CANAL



PERFIL LONGITUDINAL



CIDADE DE PANAMÁ



CANAL DO ISTHMO DE PANAMÁ — PROJECTOS ESTUDADOS

do 4.º anno — novembro e dezembro. Comprehe-
de este fascículo: *Tradições populares portu-
guesas* (xv — *O secular das nuvens*) pelo sr. Con-
sigliere Pedroso; já temos falado da importancia
d'esta colleção de tradições e crenças; *For-
mação das lendas christãs*, pelo sr. Theophilo
Braga; *Considerações geraes sobre sociologia*,
por Teixeira Bastos; *Bibliographia: Etudes de
Grammaire portugaise* (Romania, t. x e xi) por
Gonçalves Vianna.

O GENERAL CARLOS RIBEIRO (*recordações da mo-
cidade*) por Camillo Castello Branco — *Porto,
Livreria civilização de Eduardo da Costa Santos
— editor — MDCCCLXXXIV — 71 paginas.* —
Toda a gente conhece, ao menos de nome, o
illustre geologo portuguez, cujos trabalhos deram
origem á reunião do *Congresso de anthropologia
e archeologia prehistorica*, em Lisboa, em 1880;
por essa occasião demos o seu retrato e um
esboço biographico, e depois, por occasião do seu
fallecimento, a pag. 260 do nosso 5.º volume, com
uma biographia um pouco mais desenvolvida.
Longe estavamos porém de esperar a surpresa
que nos causou o folheto do sr. Camillo, a propo-
sito de um episodio romanescos do nosso geo-
logo. Esse episodio contado no estylo imaginoso,
rico e brilhante do opulento escriptor, dá outra
nota do caracter de Carlos Ribeiro, e mostra
como o estudioso marçano, convertido pelo seu
trabalho e estudo em habil official de artilheria,
tinha na alma a riqueza de sentimentos que o fi-
zeram estimar de quantos o conheceram.

HORAS DE OCIO, ensaios pelo sr. Santos Bemvindo
— Lisboa, Typ. Casa Portuguesa, Rua Larga
de S. Roque, 139, 1884 — 224 paginas. É uma

collecção de poesias a diversos assumptos e em
diversos tons. A fabricação dos versos mostra
algum estudo e cuidado de metrificação, mas a
poesia é em geral falta de calor e tensão.

Por vezes o muito desenvolvimento prejudica o
efeito que alguns trechos podiam produzir. O
tempo e estudo tudo corrige.

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA E EXTRANJEIRA, 4.º
anno, 1883, n.º 10, 11 e 12 — Ernesto Chardron,
editor. — Esta colleção, onde se acham reunidos
muitos artigos de critica litteraria, publicados em
diversas folhas, com relação a varios livros anti-
gos e modernos, conta, como se vê, já quatro vo-
lumes, correspondentes aos quatro volumes con-
cluidos.

A MADEIRA E AS CANARIAS, por João Augusto
de Ornellas, socio correspondente do Instituto de
Coimbra, etc., etc. *Madeira, typographia do
Direito, 1884.* 4.º de 28 paginas. Se ha coisa que
mereça as attentões de todo o homem de coração,
é ver que qualquer escriptor solta um brado a fa-
vor da sua terra natural, e quando esse brado não
tem só por effeito chamar a attenção publica
para o berço onde se nasceu, mas para uma ne-
cessidade d'elle, que é ao mesmo tempo, um bem
real e positivo para toda a nação, todos devem
ouvir esse brado. Infelizmente a malfada da poli-
tica entra em tudo e domina tudo, e por isso não
admira, que se posterguem verdadeiras medidas
administrativas e economicas, e se attenda só a
um ou outro fim politico.

A Madeira, que vê fugir-lhe a preponderancia
que a sua posição maritima lhe dá entre outras
ilhas e plagas do Atlantico, porque as Canarias
vigilantes e largamente protegidas pelo seu illus-

trado governo, vão tornando os seus portos, de-
positos de tudo quanto carecem os vapores das
carreiras de Africa, não pôde ficar silenciosa e
apella para o patriotismo portuguez, e para a acti-
vidade e bom senso dos governos de Portugal,
afim de que a dotem dos meios necessarios, para
não perder as vantagens que lhes proporciona a
sua posição. Bom é não esperar tudo dos gover-
nos, e seguir sempre o conselho: faz tu da tua
parte que eu te ajudarei. Lance a Madeira alguma
pedra no edificio, que o governo ha de ver-se
obrigado a auxiliá-la.

LOGOGRIPO

Aqui vêdes um apelido — 3, 5, 9, 7.
D'esta antiga auctoridade; — 4, 6, 2, 1.
Podem n'estas ver trabalho, — 1, 2, 8, 7.
Ou então uma cidade, — 1, 9, 2, 5, 2, 7.
Todos querem o conceito,
E lhe tem muita amizade.

Explicação da charada do n.º antecedente:
Desmembrado.

ERRATA. — A explicação da charada do n.º 185
é *Lanterna*, em vez de *Lobriço*, que sahiu por
engano.

Reservados todos os direitos de propriedade
litteraria e artistica.

TYPOGRAPHIA ELZEVIANA — LISBOA

CAPAS PARA ENCADENAÇÃO DO OCCIDENTE

Já estão promptas e á venda capas para enca-
dernação do 6.º volume.

Tambem ha capas para os volumes 1.º, 2.º, 3.º,
4.º e 5.º

Preço, 800 réis (franco de porte)

A Empresa encarrega-se de fazer encaderna-
ções n'estas capas por 1.200 réis, incluindo a
capa.

GABINETE DE LEITURA

ROMANCES ILLUSTRADOS DE TODAS AS NAÇÕES

SEMENARIO DAS FAMILIAS

50 RÉIS — CADA SEMANA — 50 RÉIS
Em Lisboa e nas Provincias

Este semanario publica romances escolhidos nacionaes e traduzidos de todas as litteraturas co-
nhecidas.

TRADUÇÕES DOS MELHORES ESCRIPTORES PORTUGUEZES

Illustrações de Manuel de Macedo

Recebem-se assignaturas em casa dos editores Caetano Alberto & Faro, Rua Oriental do Passeio,
8 a 20, e na EMPRESA DO OCCIDENTE, Rua das Chagas, 42.

Para as provincias podem-se fazer assignaturas por séries de 13 numeros — 650 réis.

